

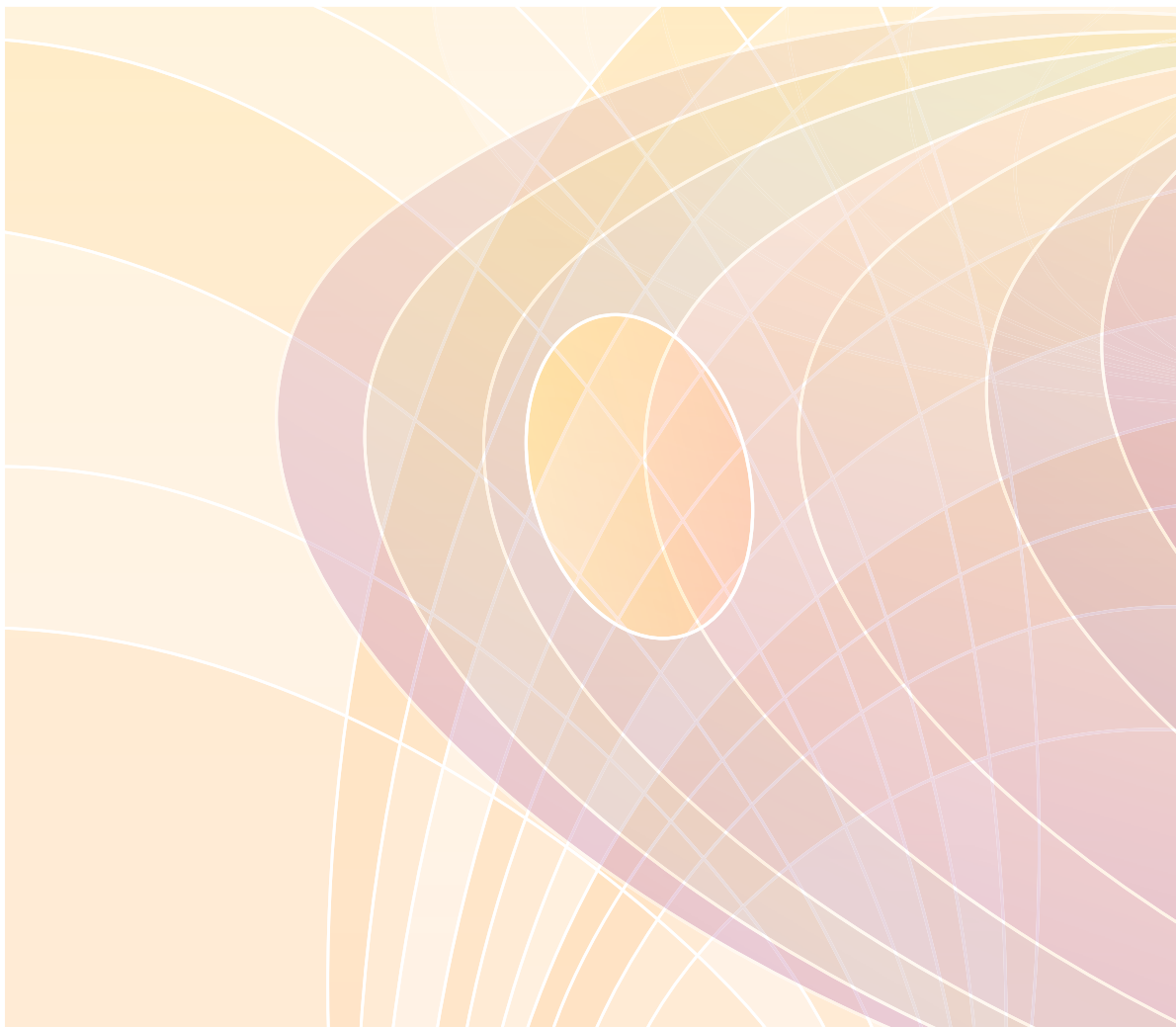
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Universidade de Coimbra

# Uma perspectiva desenvolvimentista e ecológica sobre a adaptação na transição para a maternidade

## SUMÁRIO DA LIÇÃO

Maria Cristina Canavarro





Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Uma perspectiva desenvolvimentista  
e ecológica sobre a adaptação  
na transição para a maternidade**

**SUMÁRIO DA LIÇÃO**

Maria Cristina Canavarro

Coimbra 2008



# Uma perspectiva desenvolvimentista e ecológica sobre a adaptação na transição para a maternidade

*Sumário da lição apresentado para  
cumprimento do disposto legal  
referente à admissão a provas de  
agregação no Grupo de Psicologia da  
Faculdade de Psicologia e de Ciências  
da Educação da Universidade de  
Coimbra, nos termos do Decreto-Lei  
nº 239/2007, de 19 de Junho.*



## Uma perspectiva desenvolvimentista e ecológica sobre a adaptação na transição para a maternidade

### RESUMO

A transição para a maternidade representa um importante marcador na ontogénese individual. Como tem sido expresso por diversos autores, entre os quais nos englobamos, o nascimento de uma criança modifica irremediavelmente a identidade, papéis e funções da mãe e de toda a família, desafiando equilíbrios previamente estabelecidos e exigindo respostas cognitivas, emocionais e comportamentais que habitualmente não integram o repertório comportamental prévio dos intervenientes neste processo.

Durante muito tempo, a literatura abordou a adaptação nesta fase do ciclo de vida numa perspectiva naturalista, considerando-a como um fenómeno quase universal e positivo, no sentido de permitir dar continuidade à espécie (Colman & Colman, 1994; Tobin, 1998). Posteriormente, nos meados do século XX, a medicalização surgida em torno da gravidez conduziu a que alguns discursos teóricos ficassem ancorados, até aos nossos dias, nas perspectivas biológica e médica, associando directamente a gravidez ao estado de saúde (Gross, 2000). Neste sentido, e da mesma forma que outras condições de saúde, a gravidez passou a ser entendida como um acontecimento biológico e médico, inerentemente problemático. Esta perspectiva foi e continua a ser central nos estudos sobre gravidez e saúde. A ênfase é colocada nos efeitos de variáveis individuais e situacionais no resultado da gravidez, negligenciando a natureza das experiências subjectivas da mulher, bem como a influência das suas representações ou significações sobre a situação (Canavarro, 2001; Gross, 2000).

Paralelamente, nos modelos mais directamente relacionados com a Psicologia, com a emergência de paradigmas de risco e de modelos de stress e crise, a transição para a maternidade passou a ser considerada como um momento que pode gerar formas de crise individual e também crises na vida familiar e conjugal, implicando muitas vezes níveis elevados de perturbação (Ball, 1994; Boss, 1988).

Mais recentemente, diversos estudos elaborados na linha da Psicopatologia do Desenvolvimento têm suportado a ideia da diversidade de experiências e de resultados associados à transição para a maternidade. Esta época da vida surge simultaneamente como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e também como um momento crucial para a aquisição de novas vulnerabilidades e descompensação, como outros autores, para além de nós próprios, têm vindo a defender. Tal possibilidade deve-se ao conjunto de reorganizações a nível individual, familiar e social que inevitavelmente lhe estão associadas e também à (re)activação de experiências prévias, na sua maioria de natureza relacional, que ocorrem nesta altura e que, se não estiverem devidamente integradas, poderão provocar *distress* ou mesmo perturbação (Burroughs, 1995; Canavarro, 2001, 2005; Goldberg, 1988).

Muitos dos estudos mencionados centram-se, precisamente, nas mudanças e reorganizações maternas que o nascimento de um filho implica (que, nesta perspectiva, recebem a designação de *tarefas de desenvolvimento associadas à gravidez e maternidade*) procurando-se também identificar determinantes responsáveis pelas diferenças individuais encontradas na resolução das tarefas desenvolvimentais associadas a esta época do ciclo de vida.



A tentativa de identificação dos determinantes da (in)adaptação na transição para a maternidade conduz-nos à valorização de diferentes *contextos*, evidenciados por algumas propostas sobre o desenvolvimento humano em geral, como a oferecida pelo modelo de Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner & Evans, 2000), Bronfenbrenner & Morris, 1998; ou a parentalidade em particular, como as propostas de Belsky (Belsky, 1984; Belsky & Jaffee, 2006), Kotchick e Forehand (2002) e Luster e Okagaki (1993).

A perspectiva da Psicopatologia do Desenvolvimento que perfilhamos leva-nos a valorizar simultaneamente amostras normativas, sem riscos particulares associados, e a direccionar o olhar para as trajectórias de grupos particulares, nos quais o risco é acrescido.

Deste posicionamento decorre a enunciação de diversas medidas preventivas e procedimentos de intervenção que devem ser tidos em conta para oferecer às mulheres maiores probabilidades de viver esta época do ciclo de vida como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e de, consequentemente, permitir igualmente um desenvolvimento mais adequado dos seus bebés.

A presente lição assenta num percurso pessoal (que engloba o da equipa que tenho coordenado) de investimento teórico, de investigação e clínico na área da adaptação na transição para a maternidade, em situações normativas e de risco acrescido.

Com a exposição apresentada procura-se, partindo da adopção do macro-paradigma da Psicopatologia do Desenvolvimento, oferecer um quadro

teórico representativo das nossas reflexões e opções em torno do tema; apresentar a investigação que temos desenvolvido na área, no âmbito de projectos de investigação da linha “Relações, Desenvolvimento & Saúde” (linha de investigação integrada no instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social, IPC, Unidade I&D da Universidade de Coimbra); e, por fim, apresentar e reflectir sobre a experiência clínica que, desde 1997, temos tido oportunidade de desenvolver na Unidade de Intervenção Psicológica (UnIP) da Maternidade Doutor Daniel de Matos dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

É assim que, num primeiro momento, procuramos delimitar os conceitos de *transição para a maternidade*, associando-o às tarefas desenvolvimentais que lhe estão inerentes e que têm sido identificadas por diversos autores nacionais (Canavarro, 2001; Figueiredo, 2000; Mendes, 1999) e internacionais (Colman & Colman, 1994; Mercer, 1996; Rubin, 1975); e de *adaptação na transição para a maternidade*, salientando a diversidade de propostas oferecidas na literatura e fundamentando a opção de continuarmos a defini-lo como *a capacidade de cuidar de uma criança, contribuindo para o seu desenvolvimento harmonioso e também para o seu próprio desenvolvimento pessoal* (Canavarro, 2001, p. 4).

Num segundo tempo, efectuaremos uma aplicação crítica das propostas ecológicas mencionadas, detendo-nos nos determinantes e mecanismos pertencentes aos diferentes contextos ecológicos contemplados que influenciam a adaptação à parentalidade. De entre estes, referiremos as características biológicas individuais, nomeadamente as associadas aos aspectos reprodutivos; salientaremos, em particular, os contextos relacionais (prévios e actuais; diádicos e em rede), que têm sido particularmente

estudados pela equipa que coordenamos; mencionando ainda contextos sócio-culturais, de influência mais distal.

Seguidamente a esta abordagem, mais geral e normativa, torna-se relevante passar a focar, de acordo com a mesma grelha teórica e metodológica, a adaptação na transição para a maternidade em grupos particulares de risco (social e médico) acrescido. De entre os diversos grupos relevantes para a temática em causa, abordaremos aqueles em que o nosso próprio contributo em termos de investigação tem sido mais relevante. É assim que nos referiremos à gravidez na adolescência; infertilidade e reprodução medicamente assistida; infecção materna por VIH; prematuridade; e perda perinatal. A este propósito será efectuada uma ligação permanente entre a teoria e a investigação mais alargada e os nossos próprios contributos.

Um terceiro tempo da exposição será dedicado à descrição e análise crítica do percurso efectuado ao longo de 11 anos de intervenção psicológica numa Maternidade Central - Maternidade Doutor Daniel de Matos do Departamento de Medicina Materno-Fetal, Genética e Reprodução Humana.

Inicialmente, será feita uma caracterização sumária da evolução dos objectivos do Serviço e apresentada a sua casuística ao longo do tempo. Em seguida, será dado especial relevo aos modelos de funcionamento do Serviço e de intervenção psicológica adoptados. Também neste ponto, se salienta a articulação realizada entre os paradigmas orientadores e as vertentes assistencial e de investigação, aspecto comum a todo o nosso percurso.

Finalmente, referiremos as questões que neste momento surgem como mais relevantes para investigar no futuro, assim como aquelas que, no plano da intervenção, poderão contribuir para melhorar a adaptação na transição para a maternidade.



